

Nilson Lage denuncia perigo de extinção da graduação de jornalismo

14/05/2005

Representantes dos cursos de pós-graduação em comunicação aprovam projeto que exclui estudo de jornalismo do contexto acadêmico, alerta o eminente professor de jornalismo, Nilson Lage, da UFSC (Santa Catarina), em artigo para o *Observatório da Imprensa*, publicado no dia 10 de maio de 2005.

A Compôs respondeu ao artigo de Nilson Lage de maneira que, no seu entender, trata-se de uma tentativa de desqualificar as considerações apresentadas. A discussão interessa a todos nós, jornalistas, graduandos e professores de jornalismo, e, principalmente ao Curso de Comunicação Social da UFPB, uma vez que passamos por uma reforma curricular na graduação, além de estarmos implantando o Mestrado em Comunicação.

Leia, a seguir, o artigo de Nilson Lage, a resposta da Compôs e as considerações do autor do artigo a esta resposta.

REFORMA UNIVERSITÁRIA

Comunicólogos tramam extinguir a formação graduada dos jornalistas

Nilson Lage*

Reunidos em Salvador (BA), os representantes dos cursos de pós-graduação em comunicação aprovaram, com 18 votos, uma abstenção e uma ausência, projeto que praticamente suprime o estudo do jornalismo no Brasil, no quadro da projetada reforma universitária. O assunto voltará a ser discutido em junho e outubro pelo segmento reunido na Compôs – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, que reúne os cursos reconhecidos pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior).

Segundo a corrente dominante entre os comunicólogos, a graduação em comunicação teria cinco subáreas (Teorias; Processos sociais; Mídias; Processos de Produção; e Estética e Linguagem). As teorias compreenderiam Epistemologia, Metodologias, História, Ética e Estética. Os processos sociais seriam Política, Economia Política, Sociabilidade, Subjetividade, Estratégias e Recepção. As Mídias incluiriam Rádio, Televisão, Cinema, Fotografia, Vídeo, Internet e Impressos. Estética e Linguagem compreenderia Produção de Sentido, Crítica da Mídia, Arte e Mídia. A única referência ao jornalismo está na subárea de processos de produção, ao lado de Relações Públicas, Publicidade, Editoração e Organizacionais, o que quer que isso seja.

A ciência de todas as ciências

Trata-se de uma insensatez que dá a medida da arrogância de tais fábricas de mestres e doutores. Observe-se que o elenco citado compreende estudos históricos, de filosofia, política, economia, psicologia, administração, letras, artes – o que significa liquidar ou duplicar quase toda a área de ciências humanas e sociais, fragmentando unidades de conhecimento consagradas ao longo de séculos.

É também notável a desinformação das doudas criaturas que consideram a internet mídia desligada das outras, quando tanto se especula sobre a congregação de todas as mídias em futuro relativamente próximo na rede ou em outra com maior capacidade, que já está sendo desenvolvida. A área de Impressos, por outro lado, com espantosa

abrangência, colocaria no mesmo escaninho notas fiscais, embalagens de rolos de papel higiênico e a Bíblia de Gutenberg.

Da maneira como os donos da bola concebem a universidade, Medicina, por exemplo, seria uma prática das ciências da saúde, a que se destinaria algumas horas de reflexão após o domínio da Biologia, da Química Orgânica, das ciências da cognição, da ética, estética, história, epistemologia etc. Belos médicos sairiam daí!

Qui podest?

A quem interessa tal conglomerado de disparates?

****** Às escolas particulares, certamente, porque é muito mais barato ministrar cursos sobre generalidades (é até engraçado falar de epistemologia da comunicação quando o objeto de estudo é totalmente indefinido e os métodos de abordagem envolvem áreas científicas) do que equipar laboratórios e desenvolver projetos que aprimorem conteúdos e modelos da informação jornalística. Ultimamente as particulares vêm investindo em pós-graduação e a extrema interdisciplinaridade dos programas de pós-graduação em comunicação facilitam essa expansão em nível altamente lucrativo.

****** Aos programas de pós-graduação em comunicação das universidades públicas, porque assegura mercado para os atuais doutores e os que estão sendo fabricados, impedindo a invasão da área pelos jornalistas que tiveram o topete de se doutorar também – e com muito mais consistência – em áreas como Engenharia de Gestão do Conhecimento, Ciências Políticas, Design, Linguística, Direito e até mesmo Comunicação, neste caso com estoicismo.

Prática, sim

Jornalismo é uma prática que mobiliza competências em vários campos – como acontece com a Medicina, as engenharias, o Direito ou Administração. É o que se ensina em escolas classicamente chamadas de "faculdades". Pode-se teorizar sobre jornalismo como se teoriza sobre Direito, Medicina ou qualquer outra prática. E a faculdade que forma jornalistas vai beneficiar-se dessas teorias, em lugar de requentar saberes do início do século passado, infinitamente repetidos pelos comunicólogos.

Dentre as práticas de nível superior, os jornalistas têm graves responsabilidades sociais e lidam com tecnologias cada vez mais complexas – o que já justificaria um curso de graduação específico, como o que ajudamos a instituir na Universidade Federal de Santa Catarina.

A reforma universitária é a oportunidade que temos de criar e orientar cursos de graduação e pós-graduação – estes jamais permitidos pela confraria enquistada em órgãos do Ministério da Educação.

Direitos atingidos

Onde situá-lo? A resposta parece estar no enlace entre os cursos de Jornalismo e os de Ciências da Informação, oriunda da Biblioteconomia, mas que ampliou objetivos e incorporou competências à medida que se avançava na tecnologia dos computadores e redes telemáticas. São áreas de estudo distintas, mas que, preservando sua autonomia, podem trocar experiências. Organizar informação em bancos de dados e captá-la por softwares inteligentes é cada vez mais necessário em jornalismo; ao mesmo tempo, os cientistas de informação deparam com a necessidade de tratamento semântico, que depende da produção de textos e imagens – para, por exemplo, o ensino à distância ou a popularização do conhecimento científico, tão importante para o país. A automatização plena de texto e imagem, ainda que tosca, não é previsível a curto ou médio prazo.

A prevalecer a concepção da Compós, haverá não apenas um retrocesso no jornalismo brasileiro, mas se atingirão direitos adquiridos, por exemplo, na ocupação de

cargos públicos de jornalistas (nas assessorias, nas televisões e rádios estatais) mediante concurso para avaliação de competências.

A legislação atual, que atribui o título de bacharel aos jornalistas, estará superada, uma vez que se refere a cursos de jornalismo (não previstos no esquema dos comunicólogos) e a cursos de comunicação, habilitação em jornalismo, que deixarão de existir.

.....

Resposta da Compôs ao artigo de Nilson Lage

Em relação à matéria intitulada "REFORMA UNIVERSITÁRIA Comunicólogos tramam extinguir a formação graduada dos jornalistas", publicada nesse Observatório, a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – COMPÓS vem a público esclarecer alguns equívocos que aparecem sintomaticamente já no título: 1. Não se trata de uma "reforma Universitária"; 2. Não se trata de uma proposta de "extinção da formação graduada em Jornalismo"; e 3. Comunicólogos não estão tramando nada. Como Associação séria e com quase 15 anos de existência, a COMPÓS não pode ser colocada nesse patamar de discussão. Além do mais, o artigo não acerta nem no link para o site da COMPÓS. O endereço é <http://www.compos.org.br> e não o que o artigo faz referência.

O que está em revisão, pelo CNPq, é a descrição das áreas de conhecimento (entre as quais, a de Comunicação). Não se discutiu, na reunião da COMPÓS, a Reforma Universitária (e nesta, ao que sabemos, não se cogita a extinção de qualquer área, muito menos a de Jornalismo - proposta que, se por absurdo ocorresse, teria nosso total desacordo).

A listagem de áreas e especialidades de conhecimento interessa basicamente para a caracterização das pesquisas desenvolvidas no país.

Na nossa proposta (ainda em aberto e oferecida para o debate da área, e portanto não caracterizando nenhuma "trama") encontram-se contempladas as várias possibilidades, tanto da pós-graduação como da graduação. O texto parece confundir área de pesquisa com habilitações da graduação.

Na verdade, ao descrever as áreas de pesquisa como o fazemos, estamos melhor defendendo o Jornalismo que a perspectiva isolacionista que se depreende do artigo. Se o Jornalismo "é uma prática que mobiliza competências em vários campos" (como diz o texto, e com o que concordamos) só ganhará ao apresentar-se na companhia abrangente em que a situamos - e que, temos a convicção, não lhe diminui o escopo, mas ao contrário, lhe oferece (como de resto já acontece na realidade) interlocução e espaços temáticos.

A proposta encaminhada pela COMPÓS (legítima já que é uma proposta de seu conselho soberano e democrático) visa balizar as agências de fomento (principalmente o CNPq) na redefinição de áreas e subáreas do conhecimento. A área de Jornalismo está explicitada na nossa proposta, logo não procede a afirmação enviesada e desinformada da matéria. O objetivo da COMPÓS é contribuir na busca de um consenso mínimo na área a partir de uma visão global. O artigo publicado pelo Observatório da Imprensa não apresenta nenhuma proposta de áreas e subáreas, não acrescentando nenhuma inteligência ao debate. A proposta da COMPÓS está em discussão. Todas as associações, professores e pesquisadores podem também encaminhar suas sugestões. A COMPÓS está discutindo a sua proposta em fóruns legítimos da área. Novas propostas serão bem-vindas e avaliadas pela COMPÓS. Infelizmente, na matéria em questão, não há nenhuma

proposta que nos ajude no debate.

A Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - COMPÓS é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, congregando como associados os programas de pós-graduação em Comunicação em nível de Mestrado e/ou Doutorado de instituições de ensino superior públicas e/ou privadas no Brasil. Com sede na cidade de Brasília, a COMPÓS tem como objetivos principais o estímulo à participação da comunidade acadêmica e de pesquisas em Comunicação nas políticas do país para a área, defendendo o aperfeiçoamento profissional e o desenvolvimento teórico, cultural, científico e tecnológico no campo da Comunicação.

Atualmente a COMPÓS é composta por 20 cursos de mestrado e/ou doutorado credenciados pela CAPES (todos os cursos existentes no Brasil).

Não há curso de Pós-Graduação em Comunicação ou Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina.

André Lemos, Presidente da COMPÓS

Juremir Machado da Silva, Vice-Presidente da COMPÓS

Simone Pereira de Sá, Secretária Executiva da COMPÓS

.....

Considerações de Nilson Lage à resposta da Compós

O Compós está com uma resposta em que procura desqualificar o artigo alegando que misturei graduação com pós-graduação. Fiz deliberadamente. Com um programa pós-graduado multi-saberes e sem foco objetivo, a graduação em jornalismo não sobrevive com qualidade. E ela só está sobrevivendo graças a professores que buscam outros programas de PG nas áreas das linguagens, da tecnologia etc.

A nota da Compós alega ainda que as mudanças pretendidas são apenas na pós-graduação, não na graduação. Mas é óbvio que uma coisa se articula com a outra, uma vez que se cogita da volta do famigerado ciclo básico, em que os comunicólogos insultam o jornalismo e os jornalistas, culpando-os por todas as desgraças do mundo - para só depois permitir que tenham contato com algumas técnicas, se possível sem laboratórios e com uma ocupação que varia entre um e tres semestres. Para justificar a redução ainda maior da formação técnica, conspiram para situar jornalismo ou comunicação na área das ciências humanas.

A UFSC não tem pós-graduação em jornalismo embora tenha o melhor e mais bem aparelhado curso de graduação. Conhecendo essa gente como conheço, duvido que eles permitam a abertura de uma pós em jornalismo em Santa Catarina ou em qualquer lugar do país.

Sugiro que consultem a matéria de abertura de www.jornalismo.ufsc.br, que é sobre este assunto.

***Nilson Lage** é jornalista, professor titular do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina e do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Gestão do Conhecimento.